DISLEXIA: UM DESAFIO A SER ENFRENTADO NA ESCOLA

ANA PAULA SILVA ALMEIDA UMEDA

RESUMO
Este trabalho busca promover um conhecimento maior sobre a inclusão escolar de crianças com dislexia. Pretende-se discutir e refletir sobre o tema, através do embasamento teórico e bibliográfico dos autores analisados e argumentar sobre a dislexia na escola. Definiu-se como tema de estudo: as especificações sobre linguagem/dislexia e os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Finalizam-se as considerações com destaque no papel dos profissionais da educação em todo o seu contexto. A dislexia é um problema neurológico, genético e geralmente hereditário caracterizado pela dificuldade acentuada na leitura, escrita, soletração e ortografia. Normalmente diagnosticada durante a alfabetização, ela é responsável por altos índices de repetência e evasão escolar. Sabendo que a dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem relacionado à leitura e à escrita que precisa de acompanhamento no processo de aprendizagem. A Associação Brasileira de Dislexia tem registros de que cerca de 10 a 15% da população mundial tem dificuldade na aprendizagem, e que a maior incidência desta em nossas salas de aula não se deve à má alfabetização, desatenção, condição socioeconômica ruim ou baixa inteligência, mas por estes apresentarem um quadro de dislexia, sem causa definida. No Brasil, calcula-se aproximadamente 15 milhões de pessoas têm algum tipo de necessidade especial e que, pelo menos, noventa por cento das crianças, na educação básica, sofram com algum tipo de dificuldade de aprendizagem relacionada à linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia. Entre elas, a dislexia é a de maior incidência e merece toda atenção por parte dos educadores.

Palavras-chave: Dislexia. Escola. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Devido às inúmeras mudanças sociais, comportamentais e tecnológicas, percebese a necessidade de repensar sobre a Educação, especialmente voltada ao aluno com distúrbios de aprendizagem, o que exige uma atenção e um tratamento adequado, pois ainda vivenciamos, várias formas de exclusão social, racial, cultural, que apesar de serem condenáveis e repugnantes, continuam ocorrendo de maneira mascarada e intencional.

No tocante à realidade educacional, não é muito diferente. Embora estejamos resguardados por diferentes leis, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pela Constituição de 1988, e por vários documentos: a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que entre outros, trazem contribuições imprescindíveis para o reconhecimento legitimo de que a educação é direito de todos e tendo-os assegurados e respeitados, no entanto nem sempre a teoria caminha com a prática. A partir década de 90, fez-se uma maior divulgação sobre o conceito de inclusão nas escolas consideradas regular. É muito complexo e amplo o paradigma dessa nova realidade escolar, sendo necessária uma reestruturação educacional, tanto da parte pedagógica como da funcional, exigindo um trabalho de responsabilidade e comprometimento.

Como professora esse assunto gerou uma série de questões e inquietações, principalmente com relação à dislexia: Será que realmente a escola é para todos? Será que essa escola é inclusiva e não exclusiva? Como perceber uma criança disléxica? Como ajudar uma criança disléxica? Como ajudar uma criança sem excluí-la?

Tais inquietações fizeram perceber a necessidade de informações e aprofundamento do tema, visando proporcionar um destino mais justo e doloroso a esse educando, permitindo sua participação na sociedade com igualdade e oportunidade.

Sabe-se que o aluno disléxico está inserido no contexto escolar, no entanto será que ele foi avaliado acerca de suas dificuldades e está recebendo apoio e educação de qualidade? O ensino para essa pessoa requer uma pesquisa sobre suas definições, características a fim de que, a Escola possa ensinar de fato, desempe-

nhando o seu papel de forma global, que é a formação de cidadãos conscientes e críticos, recebendo uma aprendizagem progressiva e significativa.
Esse trabalho busca promover um conhecimento e uma reflexão sobre a inclusão escolar dos alunos disléxicos, relatando a experiência de um autor com essa dificuldade, revelando a outra face da realidade. Definiu-se como tema de estudo: a educação, principalmente a inclusiva, na área de língua portuguesa e a legislação, as especificações sobre linguagem/dislexia e os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.
Finalizando são traçadas as considerações finais com destaque no papel dos profissionais da educação em todo o seu contexto.

DISLEXIA E A LINGUAGEM

A fim de compreender-se o conceito de dislexia, faz-se necessário retomar a palavra linguagem: "sistema de sinais empregado pelo homem para exprimir e transmitir suas ideias e pensamentos..." (Dicionário Brasileiro Globo)
Ao longo da história o sistema de sinais passou por grandes evoluções de acordo com a necessidade dos homens; a partir disso percebe-se que a linguagem tem papel dominante na vida dos seres humanos, enquanto fonte de comunicação e convívio social.
Destacando-se a linguagem oral e escrita, a oralidade é adquirida por imitação espontânea e em círculo mais restrito, utilizando aspectos morfológicos, fonoaudiólogos, enquanto a escrita é adquirida num contexto mais formal, na escolarização.
E é nesse contexto que se inicia as problemáticas na aprendizagem, em que cada aluno traz consigo a sua própria história, pois como cita Ellis (1995, p.15) "As coisas podem estar mudando um pouco, com o desenvolvimento de outras tecnologias para o registro do som e da visão, mas a alfabetização ainda abre as portas para uma vasta gama de experiências sociais e culturais proibidas a uma pessoa analfabeta."
Partindo desse pressuposto, apresenta-se o distúrbio de aprendizagem denominado Dislexia.

Características dos alunos disléxicos

Nem sempre alunos que apresentam dificuldades na leitura na escola, são disléxicos. A dislexia descrita anteriormente aponta fatores multicausais em sua composição, afinal essas pessoas são diferentes umas das outras e com diferentes graus de aprendizagem
Algumas dificuldades que podem acompanhar os escolares, mas não enquadradas nos sintomas de dislexia serão brevemente descritas:

1. Incapacidade geral para aprender; provém de várias causas, podendo ser o resultado de um baixo quociente intelectual, prejudicando sua aprendizagem na leitura e nos demais conteúdo. A dificuldade para ler é em consequência de natureza secundária.
2. Imaturidade no início da alfabetização; a instrução formal deve ser iniciada quando a criança possui idade adequada, (cronológica e biológica), caso contrário, a alfabetização não será um processo natural e tampouco apreciado.
3. Alterações no estado sensorial e físico: uma série de fatores pode interferir na capacidade para aprender: deficiências vitamínicas, problemas nutricionais, problemas cardíacos, alérgicos entre outros. A doença é um fator mais contribuinte do que causal, pois afasta o aluno da escola e reduz sua capacidade de esforço constante, alterando o curso natural da leitura/escrita.
4. Problemas emocionais: reduzem a eficiência da aprendizagem impossibilitando o indivíduo de se desenvolver e crescer.
5. Carência cultural: à pessoa sem contato com livros, TV, viagens entre outros, a linguagem não é tão significativa, pois não está presente em seu meio de maneira enfatizada.
6. Métodos de aprendizagem: instrução inadequada; eis alguns pontos:

- Destaque demasiado em algum aspecto do processo;
- Método monótono e ausência de leitura relacionada ao universo do aluno;
- Rigidez e inflexibilidade na aplicação da estratégia;
- Falta de entendimento numa habilidade, dificultando as etapas subsequentes.

Entende-se que todas as dificuldades citadas podem interferir na aprendizagem da criança, no ambiente, no entanto nenhuma delas deve incluir-se entre as causas da dislexia.
Desconsiderando os problemas de apren-

dizagem de leitura e escrita decorrentes dos fatores citados anteriormente, faz-se necessário apontar as características dos alunos disléxicos.
Em linhas gerais, Condemarim e Blomquist (1986, p.22) relatam que a característica marcante do disléxico é a acumulação e persistência de seus erros ao ler e escrever.
Embora alguns disléxicos aproximem-se dos tipos descritos com maior ênfase em algum ponto, a maioria apresenta traços de ambos, sendo apontada por alguns autores como dislexia mista.
Considerando-se que a dislexia não apresenta um indicador isolado, diz-se que o diagnóstico deve ser multidisciplinar, em que diferentes profissionais da saúde: psicólogos, fonoaudiólogos, oftalmologistas, neurologistas atuem em sua área especifica e deem os seus pareceres em conjunto com a Educação, tendo como sujeito fundamental, o professor, que com sua sensibilidade e experiência, desconfie de que algum fator pode estar interferindo no processo da aprendizagem do seu aluno. Ele não precisa diagnosticar, mas sim, suspeitar.

A criança e a dislexia
Buscar conceitos e definições sobre a dislexia é necessário, porém não é suficiente para compreender a amplitude do desafio. É preciso ter um novo olhar para o aluno disléxico, observar seu comportamento, atitudes e sentimentos.
Toda a vida escolar é lembrada pelas primeiras experiências que as crianças vivem em relação à aquisição de conhecimentos e habilidades acadêmicas. Se tais experiências são frustrantes, a dedicação e o empenho espontâneo nessas áreas são automaticamente prejudicados e acabam por produzir problemas na esfera afetiva e na personalidade, afinal a vida escolar está diretamente ligada com o desenvolvimento emocional do aluno.
É na escola que a dislexia surge de fato, local onde a leitura e a escrita são extremamente valorizadas e continuamente utilizadas.
Nota-se que muitos alunos disléxicos não conseguem sobreviver a essa "máquina de aprendizagem", a não ser com muita coragem e destreza, superando as barreiras que se manifestam em cobranças e até humilhações no decorrer de sua vida escolar. Sendo a leitura o elo que une um conhecimento ao outro, alunos com dificuldades sérias na leitura teriam sua aprendizagem como um todo comprometido, a propósito, uma das causas determinantes do fracasso escolar, e consequentemente, resulta no fracasso em sua personalidade.
Apresenta-se triste, deprimido, agressivo, angustiado, o que torna sua vida escolar e familiar desgastante; "O comportamento agressivo é normalmente uma "capa" para a baixa estima. Uma criança ao sentir que falhou pode descarregar sua raiva nos outros." Selikowitz (2001, p.107)
Destaca-se, portanto a necessidade de trabalhar a autoestima, resgatando a confiança, valorizando outras habilidades, destacando seus acertos e não os subestimando, afinal a criança não tem uma impossibilidade total para aprender, mas sim uma dificuldade.
Condemarim e Blomquist (1986) destacam que quando a criança começa a ler aumenta o seu vocabulário, enquanto o leitor deficiente não, portanto aparece progressivamente menos inteligente do que é. A leitura promove integração, ideais, ideias e atitudes, por isso quem não lê, têm um mundo de ação limitado nas atividades culturais, profissionais entre outros.
É imprescindível a adoção de um procedimento voltado para o diagnóstico da dislexia, a fim de buscar alternativas de atendimento segundo suas particularidades e com apoio e segurança.

A escola e a dislexia
Não existe uma receita, uma cartilha definitiva para trabalhar com alunos disléxicos. Existem, sim, estudos, pesquisas e dicas que auxiliam em muito a vida do aluno e dos que estão envolvidos com a situação. É imprescindível um diagnóstico precoce, para tornar as medidas que se fazem necessárias, pois "As crianças disléxicas aprendem de maneira diferente, mas podem acompanhar o ensino convencional se tiverem o apoio necessário para contornar suas dificuldades especificas." Ianhez e Nico
(2002, p.77)
Esse diagnóstico favorecera os canais de comunicação com os profissionais envolvidos (fonoaudiólogos, psicólogos, professores, coordenadores entre outros), com troca de

informações experiências e essa parceria e com as devidas orientações resultará em benefícios aos alunos.
Sabe-se que não é uma tarefa simples e que exigirá um comprometimento muito sério entre a criança, a escola e os pais. Em relação à escola e ao professor mais especificamente que manterá esse contato direto e diário é pertinente ressaltar que: "Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula." Ianhez e Nico (2002, p.75)
Paralelamente a esse trabalho se fazem necessárias adaptações curriculares, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades dos alunos, de forma dinâmica, alterável, flexível. Essa diversidade presente na escola é bem ampla e contundente, no entanto "Essas condições exigem a atenção da comunidade escolar para viabilizar a todos os alunos indiscriminadamente, o acesso à aprendizagem, ao conhecimento e ao conjunto de experiências curriculares disponibilizadas ao ambiente educacional, a despeito de necessidades diferenciadas que podem apresentar."
Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p.13)
O professor deverá adotar alguns procedimentos, afinal o aluno precisa de estímulos concretos, através de uma linguagem estruturada com o uso dos canais sensoriais: audição, visão, tato, memória; favorecendo o trabalho na leitura e na escrita.
Exemplos de atitudes a serem tomadas:

- Trate o aluno com naturalidade;
- Use uma linguagem clara, direta e objetiva;
- Estimule-o e incentive-o;
- Fale com franqueza, sem menosprezá-lo;
- Diversifique os materiais de apoio;
- Leia as atividades em voz alta;
- Trate um assunto de cada vez;
- Avalie-o dentro do seu ritmo, sem comparações e de maneira variada: oral, com ilustração, com mídias diversas, materiais visuais, avaliações com consulta e que mais for preciso.

Para isso, é necessária uma reestruturação geral na Escola, com investimentos profissionais e cuidados especializados
Além disso, é de suma importância um vínculo emocional entre o professor e o aluno, dotado de atitudes afetivas, porém firmes. É a ação didática do professor e a sua postura que farão a diferença "... porque não basta ser um professor bom, deve ser ao mesmo tempo, um bom professor." Ajuriaguerra (1984, p.55)
É nessa linha que o trabalho deve ser permeado. O professor é o fio condutor, levando aos alunos rotas de acesso que poderão amenizar ou sanar suas dificuldades, possibilitando o desenvolvimento de outras habilidades e inteligências.

A família e a dislexia
No momento que a família percebe ou recebe o diagnóstico de que seu filho é disléxico, carrega consigo sentimento de culpa, mágoa e responsabilidade pela dificuldade, afinal todos os pais querem o melhor, em todos os sentidos. E quando se trata de uma criança em idade escolar, a aprendizagem se torna um dos principais aspectos, pois: "Ser analfabeto é estar em uma profunda desvantagem no mundo moderno." Ellis (1995, p.85); partindo desse argumento, ajuda dos pais é fundamental na superação diária de suas dificuldades.
É necessário um esclarecimento dos pais, mantendo uma comunicação constante com a escola (especialmente com o professor), sendo que em casa os pais seriam os professores, em um ambiente tranquilo e familiar, esses momentos devem ser agradáveis e acolhedores e não uma mera obrigação. As atividades devem ser diversificadas, com condutas de apoio e incentivo, em busca de alternativas, por isso, os pais devem lembrar que demonstração de carinho e afeto é tão importante quanto à ajuda profissional e suas teorias.
As reações emocionais dos pais revelam um fator que interfere no tratamento, para isso é preciso estar atento, para que não aumente as dificuldades da criança. Cabe a família criar uma comunicação de transparência, amizade e encorajamento, onde as crianças devem estar cientes de suas dificuldades, a fim de trabalhá-las para contribuir com uma melhor qualidade de vida.
Os pais representam o porto seguro para seus filhos; paciência, dedicação, boa vontade

e muita informação contribuirão e muito para o bom desenvolvimento cognitivo e psicológico da criança. A informação é fator determinante para uma melhor compreensão da criança e entendimento de suas atitudes, sentimentos. Mostrar ao aluno/filho que muitas pessoas que tiveram dificuldades na escola, hoje são indivíduos realizados, felizes e superaram as barreiras impostas pela sociedade, afinal como já citou
Selikowitz (2001, p.40) "... indivíduos diferentes têm talentos de forma diferente.", e isso que a sociedade como um todo deve perceber e adequar a suas fragilidades.

Concepções da dislexia
Entende por dislexia do desenvolvimento ou evolutiva, um distúrbio do processo de aprendizagem, já que a deficiência ocorre na dificuldade do indivíduo durante a aquisição da leitura e da expressão escrita. O termo deve ser empregado para aqueles que apresentam uma ineficiência incomum e específica nas habilidades da leitura e escrita, ao longo de seu processo de educação formal, apesar de possuírem potencialidade igual ou superior à média, acuidade auditiva e visual normais, ausência de problemas afetivo-emocionais primários, e de terem sido favorecidos com instrução acadêmica adequada.
Embora o corpo teórico nos remeta à afirmação da origem neurológica dos distúrbios cognitivos, em nossa prática clínica os critérios para o diagnóstico e elaboração de um plano de trabalho são mais abrangentes e respeitam além do quadro sintomático, os aspectos psicológicos, familiares e sociais de cada indivíduo. Sara Paín (considera "o problema de aprendizagem como um sintoma e que este se configura num estado particular de um sistema que para equilibrar-se precisou adotar este tipo de comportamento").
Sabemos que toda criança inicia seu processo de escolaridade desejando aprender, desejando ir bem à escola, como seus demais colegas, irmãos e primos. Ela gostaria que seus talentos fossem vistos e admirados; ninguém conscientemente, se regozija por vivenciar fracassos e frustrações ao longo de sua vida acadêmica, nenhum jovem fica feliz ao levar seu boletim com resultados insatisfatórios para seus pais.
A intervenção didática pedagógica tem para o disléxico, um caráter de urgência e pode capacitá-lo a ser "senhor de seu destino", integrando-o dentro da sala de aula como alguém responsável e competente, assim como reintegrá-lo em suas relações familiares e sociais.
A reabilitação da leitura dará ao disléxico, condições de adquirir a educação formal, já que em nossa sociedade representam - a leitura e escrita, habilidades básicas, a "chave-mestra" para o conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca.
Sabemos ainda, que o indivíduo quando passa a ter autonomia e independência, começa a obter realizações concretas e estará fortalecendo a autoestima, o que lhe afiança ir reabilitando os demais recursos cognitivos.
Buscar sobretudo técnicas e estratégias de trabalho e de conduta que façam mais sentido para ele; objetiva em suas sessões conhecer, entender e esclarecer o mecanismo manifesto junto dele, seja através de jogos, de vivências e de discussões de temas pertinentes, buscando e permitindo o conhecimento.
Entende-se que pelo fato de serem vivenciadas novas relações interpessoais com o processo de aprendizagem, novos espaços serão criados, permitindo o surgimento de vínculos sadios, estruturados e prazerosos - diferentes dos vividos até então.
Tecnicamente a abordagem de trabalho associa o estímulo e desenvolvimento de suas inclinações naturais, com o resgate das deficiências instrumentais, através de métodos multissensoriais, que partem da linguagem oral à estruturação do pensamento, da leitura espontânea à discussão temática, da elaboração crítica e gerativa das ideias à expressão escrita. Desta forma um sentido efetivo do aprender e do processo de aprendizado começa a ser incorporado.
Mas, voltamos a insistir que o olhar psicopedagógico não deve refletir uma visão reducionista que rotularia o disléxico como um déficit em si mesmo, pois desta forma estaria alimentando sua condição de sujeito identificado de sua família ou mesmo de sua classe.
Para tanto, a compreensão do sistema funcional, da dinâmica desta família, se faz necessário para que se possa orientá-la eficientemente. A ação deve se estender à instituição escola, alertando e sensibilizando seus edu-

cadores de que o disléxico pode e merece aprender, tal qual outro aluno qualquer, que ele apenas precisa de técnicas e estratégias que o auxiliem nessa jornada. Que o educador possa valorizar não seus erros, mas seus acertos.

CONCLUSÃO

A partir dessa pesquisa bibliográfica que tem como tema a dislexia, percebe-se o quanto é complexa e ampla essa questão, pois a Escola está numa crise de paradigma, sendo pertinente toda uma reestruturação, um novo conceito de educação, esse processo é uma caminhada de ida e volta de erros e acertos, porém requer uma atitude e veio para abalar toda estrutura vigente.

Se forem constituídos todo um suporte e condições favoráveis, é possível atender a diversidade, a complexidade e a variedade; caso contrário, a tendência é além de não contribuir em algo positivo, é também prejudicar o educando. Infelizmente existe uma grande distância entre a teoria e a prática, por isso é preciso um grande preparo, tanto em adquirir conhecimento, como doar-se ao outro.

A escola muitas vezes, é o único espaço para o aprendizado num ambiente sadio, sendo assim, aumenta a responsabilidade e o compromisso. Se a instituição, como uma equipe, reconhecer as diferenças culturais e afetivas no desenvolvimento de personalidades livres, critica e autônomas contribuirá, sem dúvida, para uma educação de qualidade e de uso social. O desafio é grande e as possibilidades também; estamos em constante evolução, portanto ainda temos mais a aprender do que a ensinar.

No caso específico da dislexia, através desse trabalho, pode-se constatar que somente o embasamento teórico não é o suficiente e que além dele, é imprescindível que o educador enxergue a essência da pessoa humana. O aluno disléxico, como qualquer outro, precisa de amor e orientação, descobrir suas habilidades, ter acesso a métodos de ensino apropriados, oportunidade de conhecimento cultural, estimulo, motivação, respeito ao seu tempo/limitações, apoio dos familiares, sentir-se desafiada e instigada, eliminar o estigma e elevar a autoestima.

A rotina escolar é árdua e envolve muitas pessoas e situações. Ela é constituída por seres humanos, providos de saberes, humores, gostos e expectativas distintas. Se ao menos fossem reconhecidas as diferenças individuais e percebida que elas permitem a pluralidade e o complemento um do outro, seria o ideal para um avanço significativo na questão educacional.

É inconcebível que ainda hoje, as diferenças não sejam respeitadas como deveriam, no entanto, só através da sensibilização e da conscientização é que será possível visualizar uma sociedade mais justa e fraterna, onde cada cidadão seria valorizado e aceito pelo ser e diferentes saberes, e não apenas, pelo saber erudito.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, de J. e outros. A dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Tradução de Iria Maria de castro Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BAUER, J. J. Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito. Tradução de Maria Ângela Nogueira Nico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CONDEMARIM M.I; BLOMQUIST M. Dislexia: Manual de Leitura Corretiva. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ELLIS, A W. Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva. Tradução Dayse Batista – 2ª Ed. – Porto Alegre: artes Médicas, 1995.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA Lei 8069 – 13 de julho de 1990.

IANHEZ, M. E.; NICO, M. Â. Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro, 2002.

LEI DE DIRETRIZES E BASSES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Secretaria da Educação, Brasília: Lei nº 9394, 1996.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Adaptações Curriculares. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999. 62 p.

SELIKOWITZ, M. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem. Tradução Alexandre S. Filho. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.